

ESTÉTICA DA GIRA E NARRATIVAS UMBANDISTAS: BUSCANDO UMA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CORPO BRASILEIRO

HÉLCIO FERNANDES BARBOSA JÚNIOR¹; LEANDRO HAERTER²; ANGELITA SOARES RIBEIRO³; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – helcio_rs@msn.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel / IFSUL – leandro@pelotas.ifsul.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas - UFPel / CAVG-IFSUL – angelitalibeiro@cavg.ifsul.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas - UFPel (Orientadora) – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPel), e tem como objetivo compreender a forma como se dá a transmissão dos conhecimentos dentro de um terreiro de Umbanda. Foram selecionados previamente para a pesquisa, três Caciques¹ de Umbanda da cidade de Pelotas, que serão os sujeitos onde iremos obter os dados empíricos da pesquisa.

Walter Benjamin nos fornece o conceito de narrador e também permeia a discussão, de maneira a colaborar com a construção da pesquisa em uma perspectiva que aborda a narrativa não só como uma ação verbal, mas incorporada na cultura e vivência dos corpos dos sujeitos.

Através do seu ensaio intitulado “O Narrador”, nos traz subsídios para que possamos pensar a narrativa como algo artesanal, porém, em vias de extinção. Nos diz ele que:

são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma das faculdades que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 2012, p. 213).

Essas constatações do autor colaboram com as discussões da Umbanda quando, nessa religião não há nenhum livro ou documento que se torne norteador dos ensinamentos umbandistas, práticas e maneiras de como exercer essa religiosidade, sendo esta tradição passada através da oralidade, através de seus narradores.

É também uma questão de preservar a memória do passado que se utilizam as narrativas. Quando desaparece essa prática, quebra-se o elo entre passado, presente e futuro.

Luciana Hartmann nos diz que “o ato de contar não está necessariamente organizado em um sistema formal, mas participa da vida cotidiana da população, que encontra nessas narrativas uma expressão simbólica para organizar e transmitir sua experiência real, ouvida, ou imaginada” (HARTMANN, 2011, p. 96). A autora, em seu livro “Gesto, Palavra e Memória” mostra a possibilidade de contar histórias como uma maneira de mostrar o envolvimento de quem as conta com o fato narrado.

¹ Cacique de Umbanda é o nome dado aos dirigentes dos terreiros, onde sua função é auxiliar os médiuns e consulentes no momento do passe energético.

Sendo constatada a Umbanda como uma religião composta por pessoas de classes menos favorecidas, visto que, os terreiros se encontram, em sua grande maioria nas periferias das cidades, esta pesquisa irá tratar, em determinado momento, dos fatores de resistência, valores culturais de pertença extremamente significativa na cidade de Pelotas. Para isso buscamos aporte no conceito de viscosidade que Bauman importa de Sartre, onde “a viscosidade implica a perda da liberdade, ou o medo de que a liberdade esteja ameaçada e possa perder-se” (BAUMAN, 1998, p. 39). Vários terreiros de Umbanda foram, e ainda são nos dias atuais, invadidos por pessoas contrárias à religião, e membros dos centros ameaçados e perseguidos.

Peter McLaren nos oferece outro conceito que ajuda a pensar a resistência Umbandista quando diz que:

Diferença é sempre produto da história, poder e ideologia. A diferença ocorre entre dois grupos e entre muitos grupos e deve ser compreendida em termos de especificidades de sua produção. O multiculturalismo crítico questiona a construção da diferença e identidade em relação a uma política radical” (MCLAREN, 2000, p.123-124).

Ao final será feita uma provocação no sentido de aproximar os dados da pesquisa com o ensino do teatro, que, como elemento constituído de ações corporais e vocais, permite ao ator uma busca incessante por meios pessoais de qualificar sua prática.

Grupos de teatro aproximam a cultura afro-brasileira e brasileira em suas montagens com frequência (citamos: grupo de teatro Caixa Preta, de Porto Alegre, Teatro Oficina Uzyna Uzona, em São Paulo), porém, a apropriação desses elementos da cultura brasileira, na criação de uma nova metodologia do ensino do teatro através das narrativas e arquétipos corporais das entidades incorporadas no ritual, ainda não foi explorada. Esta pesquisa pretende na sequência provocar aquilo que chamaremos de “estética da gira”, um segmento dessas narrativas orais aliadas à prática e narrativa corporal.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão caracteriza-se como qualitativa no sentido de que “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação de um fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2007, p. 69).

Como ferramenta metodológica será utilizada a entrevista semiestruturada, a fim de obter os dados empíricos, para posterior transcrição e análise. Como disparador do processo de narração, utilizaremos a construção de guias² juntamente com os Caciques que são os sujeitos principais da pesquisa.

Pretendendo deixar o sujeito entrevistado o mais a vontade possível, utilizaremos esse tipo de ferramenta acima citada torna-se importante, pois como assegura Benjamin:

E quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto mais completamente ela irá assimilar-se à sua

² Guias são espécies de colares utilizados pelos médiuns nos centros de Umbanda e caracterizam pontos de energia e identificação das entidades, que são os espíritos ali incorporados. Cada guia possui uma cor e construção diferente, dependendo da caracterização da entidade ou Orixá ao qual o médium pertence.

experiência, tanto mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta-la um dia. [...] Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ele se perde quando as histórias não são mais conservadas. (BENJAMIM, 2012, p. 220-221).

Para sustentação teórica, no que diz respeito à religião brasileira, utilizaremos autores que possuem produção bibliográfica a respeito. Entre eles citamos Rubens Saraceni, Alexandre Cumino e Ronaldo Linares, todos eles sacerdotes de Umbanda e escritores da temática aqui em questão. Escolhemos esses autores, pois eles compreendem que a prática da Umbanda deve ser associada à práticas educativas, quando “escrever sobre a Umbanda é importante, e estudá-la é indispensável” (SARACENI, 2011, p.9).

Alguns conceitos importantes são tratados durante a pesquisa e servem de suporte para responder a questão proposta: de que maneira são transmitidos os ensinamentos da Umbanda através da visão dos caciques na cidade de Pelotas/RS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento da pesquisa, qualificada dia 13 de maio de 2014, foi feito um estudo da religião brasileira de Umbanda através de fontes bibliográficas. Paralelo a esse movimento foi realizado o estado da arte junto aos portais da CAPES e CIELO, para que tivéssemos conhecimento da produção acadêmica acerca do assunto. A qualificação do projeto apontou outras possibilidades de referências para a pesquisa que estão sendo analisadas quanto a sua utilização.

Em consulta feita aos bancos de dados acima citados, em onze de agosto de 2013, foram encontradas seis dissertações de mestrado, e quatro teses de doutorado, sendo utilizadas como palavras chave: Umbanda e Educação. O foco principal da análise foram as dissertações de mestrado, sendo elas: duas da área da educação, uma da geografia, uma da teologia, uma da antropologia e uma da sociologia.

4. CONCLUSÕES

O teatro caracterizado como prática humana que utiliza como ferramenta de trabalho do ator seu próprio corpo em movimento/ação propicia a apropriação de elementos culturais, como a Umbanda. Sendo esse tema fortemente trabalhado pela antropologia teatral, onde o maior expoente é Eugênio Barba, encontra na Umbanda terreno fértil para a pesquisa e apropriação de seus princípios, uma vez que através de suas entidades (índios, pretos-velhos – antigos escravos brasileiros –, ciganos, malandros, entre outros) propicia trabalho aprimorado de pesquisa corporal no que concerne o ensino de técnicas teatrais.

Esta pesquisa, em um primeiro momento está em busca de conceitos e narrativas que possam auxiliar em uma metodologia que aproxime práticas teatrais que se desenvolvam a partir de um corpo latino-americano, um pensamento/corpo que, segundo Rodolfo Kusch, nos traga algum significado de pertença, diferente do pensamento/corpo dos colonizadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBA, Eugenio. **A canoa de papel, tratado de antropologia teatral**. Brasília: Dulcina, 2009.
- BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. **Título do Livro**. Local de Edição: Editora, ano da publicação.
- _____. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas/SP: Alíneas, 2007.
- HARTMANN, Luciana. **Comunidade narrativa da fronteira**. IN: Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2011. p. 95-126.
- MCALAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- CUMINO, Alexandre. **História da umbanda: uma religião Brasileira**. São Paulo: Madras, 2011.
- SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da umbanda, as hierarquias espirituais dos orixás**. São Paulo: Madras, 2011.